

EUCARISTIA: SIGNIFICADO, INTERPRETAÇÕES TEOLÓGICAS E A PERSPECTIVA CONFSSIONAL

EUCHARIST: MEANING, THEOLOGICAL INTERPRETATIONS AND THE CONFSSIONAL PERSPECTIVE

Roberto dos Santos¹

Resumo: Este artigo acadêmico sobre teorias da Santa Ceia trata exatamente de alguns aspectos da doutrina teológica sobre o significado do corpo e sangue de Jesus Cristo. Tem como objetivo enfatizar a teoria confessional da eucaristia.

Palavras chaves: Eucaristia. Evangelho. Comunhão. Santa Ceia. Sacramento

Abstract: This academic article on theories of the Holy Supper deals exactly with some aspects of the theological doctrine regarding the meaning of the body and blood of Jesus Christ. It aims to emphasize the confessional theory of the eucharist.

Keywords: Eucharist. Gospel. Communion. Holy Supper. Sacrament

¹ pós-graduação em Filosofia pela Universidade Norte do paraná (2022), mestrado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia do RJ - Seminário Unido (2006), mestrado em Ciências da Educao pela UEP, mestrado em Filosofia (Mississippi World University (2012) e doutorado em Estudos Religiosos - Friends International Christian University (2000). Possui estágio pós-doutoral pela Universidade Católica Portuguesa (2020), bem como pós-doutorado em sociologia da Religião pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (2016) Atualmente é diretor geral e professor - Seminário Teológico Antioquia Internacional

INTRODUÇÃO

Eucaristia é uma palavra grega que significa “dar graças” ou “agradecer”.

A eucaristia, elemento que fulgura no centro da economia da salvação, é a base da vida cristã e, sendo assim, é objeto de muitos estudos teológicos. Assim, nesta obra, nos dedicaremos a refletir sobre o mistério eucarístico, por meio da reflexão teológica, a fim de compreender melhor a experiência da fé cristã e os fundamentos da Palavra de Deus.

Na Última Ceia, Jesus simboliza a entrega de seu corpo e sangue, e não só figurativamente, mas efetivamente, por seu poder divino, para que o corpo “partido” e seu sangue “derramado”, com óbvia referência à Obra da Cruz, como indicam os textos bíblicos, tornou-se presente e já nos foi dada como imolação salvífica.

Na história da Igreja, as teorias sobre a Ceia do Senhor (Eucaristia) variavam do simbolismo completo a algum tipo de presença espiritual. Assim sendo, esta obra terá por objetivo refletir sobre o significado do corpo e sangue do Senhor Jesus Cristo, tendo como base teológica as próprias palavras de Jesus na última ceia, concluindo com a perspectiva confessional.

A CEIA DO SENHOR: O QUE É EUCARISTIA?

Para início de estudo, eu penso que é necessário prosseguirmos avante, mas, antes, é preciso citar um comentário de dois estudiosos do Novo Testamento. Eis a declaração:

Nossa palavra portuguesa eucaristia vem do grego eucaristia, ‘agradecimento’. Nas páginas do Novo Testamento, a palavra é usada para indicar orações em geral, impelidas pelo senso de ação de graças. A expiação pelo sangue de Cristo dá-nos razões para sermos gratos, o que explica a aplicação da palavra à Ceia do Senhor. Jesus agradeceu (I Coríntios 11.24) ao partir o pão, e assim referiu-se ao seu sacrifício iminente. O termo era usado para indicar as ‘ações de graças’ antes das refeições, tanto no caso de refeições informais como no

caso daquela associada à Ceia do Senhor.²

Eucaristia (εὐχαριστία – “reconhecimento”, “ação de graças”). Esta palavra ganhou um significado novo e profundo quando os cristãos passaram a chamar de “Eucaristia” a Última Ceia celebrada por Jesus. Isto aconteceu porque nesta ceia Jesus “deu graças a Deus” e se entregou total e gratuitamente por amor à humanidade.

Vamos ao que diz um dos grandes dicionários de palavras gregas do Novo Testamento:

‘Eucharistia’, formado de eu, ‘bem’, e ‘charistia’, ‘dar livremente’ (em português, ‘eucaristia’), denota: a) ‘gradidão, agradecimento’ (At 24.3); b) ‘doação de graças, ação de graças’ (1 Co 14.16; 2 Co 4.15; 9.11; 9.12, no plural; Ef 5.4; Fp 4.6; Cl 2.7; 4.2; 1 Ts 3.9; 1 Tm 2.1, no plural; 1 Tm 4.3-4; Ap 4.9; 7.12).³

Na Última Ceia, Jesus disse: “Isto é o meu corpo [...] Isto é o meu sangue”. Além disso, ele deu aos apóstolos o poder de perpetuarem este milagre dizendo: “Fazei isto em memória de mim”. Por isso, a Última Ceia passou a ser chamada de Eucaristia.

Os judeus celebravam na Páscoa a libertação da escravidão no Egito para a liberdade na Terra Prometida. Jesus dá um novo sentido à Páscoa hebraica: Seu corpo entregue e Seu sangue derramado são a libertação do pecado, a passagem da morte para a vida. Este é o fundamento da Nova Aliança que Jesus nos trouxe através da Ceia do Senhor (Eucaristia).

O Dr. Lloyd-Jones faz a seguinte declaração acerca da Ceia do Senhor:

Só há dois pontos de vista com respeito à Ceia do Senhor. O primeiro é o ponto de vista tipicamente católico – e quando digo ‘católico’, não me refiro simplesmente aos católicos romanos, mas também aos anglicanos-católicos, bem como outros que pertencem aos vários movimentos ritualísticos, até mesmo em algumas das igrejas livres. Certas sociedades sacramentalistas

2 Champlin, R. N.; Bentes, J. M. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1991, p. 588.

3 VINE, W. E.; UNGER, Merril. F. Dicionário Vine. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 530.

e sacramentais estão vindo à existência, e todas elas podem ser incluídas no título genérico de católico. Existem pessoas que de uma forma ou de outra creem nesse ensino que atende pelo nome de transubstanciação. Creem que em resultado da ação do sacerdote, o pão se transforma realmente no corpo físico do Senhor Jesus Cristo. Ora, essa é aquela doutrina que, durante a Idade Média, começou a surgir na Igreja Ocidental, a qual era, então, nada mais, nada menos, que a igreja católica romana, porém a doutrina não foi definida por ela até o século doze. A transubstanciação, pois, continuou sendo a doutrina oficial da Igreja Ocidental (mas não da Oriental) até a Reforma; e, como eu disse, é ainda defendida pelos católicos romanos e outros.⁴

Igreja Católica (o termo “católico”, derivado da palavra grega: καθολικός (katholikos), significa “universal”, “geral” ou “referente à totalidade”. A Igreja Católica Romana compreende apenas a administração eclesiástica do patriarcado de Roma (Igreja Ocidental). Ao longo dos séculos, as duas Igrejas cultivaram desigualdades culturais e políticas que depois de vários enfrentamentos chegaram a causar a divisão do próprio Império Romano entre Ocidental e Oriental, no século IV. A separação formal entre as Igrejas Católica e Ortodoxa aconteceu em 1054, no que ficou conhecido como Cisma do Oriente. A Reforma Protestante corresponde à ruptura que aconteceu em 31 de outubro de 1517, liderada pelo monge agostiniano Martinho Lutero.

Não há dúvida de que em muitos aspectos esta é uma obra indispensável. Daí a necessidade de se destacar esta declaração:

9.1 Celebramos Eucaristia deste modo: 2. Digam primeiro sobre o cálice: ‘Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre’. 3. Depois digam sobre o pão partido: ‘Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre. 4. Do mesmo modo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo, para sempre’. 5. Ninguém coma nem beba da Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor, porque sobre

4 LLOYD-JONE, Martyn. A igreja e as últimas coisas. São Paulo: PES, 1998, p. 66.

isso o Senhor disse: ‘Não deem as coisas santas aos cães’.⁵

Não podemos desmerecer o significado bíblico do corpo e sangue do Senhor Jesus para a sua Igreja até os dias de hoje. Assim sendo, fica evidente que a prática da Ceia do Senhor, desde suas origens bíblicas teve um lugar de extrema valorização teológica e espiritual.

A TRADIÇÃO DE LUCAS E PAULO

Ao entregar o meu projeto de pesquisa do pós-doutoramento na Universidade Católica Portuguesa, em novembro de 2018, achei por bem fazer uma visita à livraria da universidade para adquirir um livro do teólogo católico Eurico Mazza, por ser considerado uma das maiores autoridades em teologia litúrgica da igreja apostólica romana. Na oportunidade, citarei a seguir um trecho do seu livro: “O Novo Testamento e a Ceia do Senhor”:

Paulo diz: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue’. Lucas repete Paulo e diz: ‘Este cálice (é) a nova aliança no sangue de mim’, acrescentando, como apêndice, ‘derramado por vós’. Este apêndice faz par com ‘dado por vós’ que é o apêndice das palavras sobre o pão. Também para Lucas, portanto, o paralelismo tem a sua importância como se vê na gestão destes dos apêndices. Se é assim, devemos admirar-nos pelo fato de as palavras explicativas sobre o cálice não entrarem coordenadas em paralelo com as palavras sobre o pão que dizem: ‘Isto é o meu corpo’. As palavras sobre o cálice, de fato, não dizem ‘Isto é o meu sangue’, mas antes algo de muito diverso: ‘Este cálice (é) a nova aliança no sangue de mim’. O paralelismo sobre a solução mais fácil enquanto, com a ausência de paralelismo, se vai contra a tendência. A ausência do paralelismo diz-nos que foi respeitada uma tração que fazia autoridade, sem introduzir reelaborações. Neste texto de Lucas afirma-se explicitamente que o cálice é a aliança, a qual é estipulada no sangue de Cristo, ou seja, por meio daquele sangue que será derramado no Calvário. São dois os textos que se referem à liturgia da Ceia do Senhor na Primeira carta aos Coríntios: o

5 ROMANO Clemente; ANTIOQUIA, Inácio de; ESMIRNA, Policarpo de et. al. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 2014, p. 353

primeiro fala da celebração eucarística da Igreja de Corinto (1 Co 10.16-17) e o segundo da celebração de Jesus na Última ceia (1 Co 11.23-24). Se o teólogo pode dizer que, no fundo são a mesma coisa uma vez que se trata sempre da Eucaristia, o histórico da liturgia deve fazer cuidadosas distinções pois no primeiro caso se trata da liturgia de uma Igreja paulina, enquanto no segundo se trata da liturgia de Jesus no cenáculo com os discípulos. Relevando que, em ambos os casos, o rito do pão é distinto do rito do cálice, vejamos que há duas diferenças: a) em Corinto, o rito do cálice precede o rito do pão, enquanto que na última ceia é primeiro o pão e depois o cálice; b) em Corinto, o rito do pão é acompanhado não da bênção (eulogia), mas só da fração, que é o gesto que o contradistingue, enquanto na Última ceia – como gestos rituais que contradistinguem o pão - existe quer a oração quer a ação de graças (eucaristia) quer o partir (klasis). Portanto, o rito de 1 Co 10.16-17 não é o mesmo e não se deve de fato confundir com o de 1 Co 11.23-26; todavia Paulo estabelece uma ligação entre os dois e é isso que nos interessa agora. O relato da Última ceia de 1 Co 11.23-26 é precedido de um trecho introdutório (1 Co 11. 17-22) que oferece o motivo pelo qual Paulo decidiu enviar aos Coríntios o texto do relato da Última ceia. O texto abre-se e fecha-se com o tema do ‘não louvor’. Este é o início: ‘E enquanto vos dou estas instruções, não posso louvar-vos’ (1 Co 11.17); e este é o fim: ‘Que devo dizer-vos? Nisto não vos louvo!’ (1 Co 11.22). A perícopé em questão é uma inclusão delimitada com precisão que determina o caráter unitário do trecho e, portanto, prescreve que se lhe dê uma interpretação unitária. Paulo foi informado de que os coríntios, quando se reúnem em ekklesia, se reúnem não para o melhor, mas para o pior. O motivo é logo dito: há divisões em Corinto. Paulo parece atenuar a acusação dizendo que sim, que crê nesta notícia, mas só em parte. Todavia, não obstante esta atuação, ele prossegue na sua argumentação para concluir de modo peremptório que, se há divisões na igreja, a ceia ritual não é mais a Ceia do Senhor: ‘Portanto, quando vos reunis juntamente, a vossa ceia já não é a ceia do Senhor’ (1 Co 11.20). O que determina a ceia litúrgica como ‘Ceia do Senhor’, não é o conjunto dos elementos rituais, mas a unidade. Como é dito em 1 Co 10.17: ‘Uma vez que (há) um só pão, nós formamos, os muitos, um só corpo: todos de fato participamos do único pão’. Deve-se acrescentar que o pão – segundo 11.16 – é comunhão do corpo de Cristo. É isto, portanto, celebrar a Ceia do Senhor: ser um em Cristo. Se a liturgia dos coríntios tem déficit de unidade, ela não é mais a Ceia do Senhor, mas uma outra coisa.⁶

O mais interessante na análise teológico-exegética do teólogo Enrico Mazza é seu olhar sobre a tradição de Paulo e Lucas, ressaltando o relato da Última ceia em Paulo, o problema descrito em 1 Co 11.17-22, a Última ceia segundo a tradição antioquena e o caráter pascal do relato antioqueno

6 MAZZA, Eurico. Novo Testamento e a Ceia do Senhor. Lisboa: Artipol, 2018, p. 81-84.

da Última ceia. Todas estas observações podem ser estudadas nas páginas 81-90 do livro citado de sua autoria, por se tratar de uma obra que merece a atenção dos estudiosos da igreja pentecostal. Isto não quer dizer que agora vamos adotar a posição doutrinária da igreja romana. Pelo contrário, o que se recomenda é apenas o que diz respeito à exegese bíblica formulada pelo especialista em eucaristia.

O RELATO DE LUCAS

7. Chegou, porém, o dia dos ázimos, em que importava sacrificar a páscoa. 8. E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a páscoa, para que a comamos. 9. E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos? 10. E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem, levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar. 11. E direis ao pai de família da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos? 12. Então ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei preparativos. 13. E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a páscoa. 14. E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e com ele os doze apóstolos. 15. E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; 16. Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. 17. E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; 18. Porque vos digo que já não beberei do fruto da vida, até que venha o reino de Deus. 19. E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. 20. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós. 21. Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa. 22. E, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído! 23. E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isto. (Lucas 22:7-23).

O evangelista Lucas, assim como o apóstolo Paulo, bem como muitos outros mencionados no Novo Testamento, não tiveram o privilégio de fazer parte do colégio apostólico de Jesus Cristo, colocando-os como cristãos inferiores ou menos valorizados. Isso não pode merecer nossa crítica, pois Lucas e Paulo deram à Igreja de Deus a gentileza de ler seus escritos inspirados pelo Espírito Santo e que passaram a fazer parte do Cânon do NT.

Cada narrativa da Ceia do Senhor (Mateus e Marcos) nos evangelhos sinóticos carrega suas peculiaridades, e o que Lucas propõe, segundo ele, é o resultado de inúmeros testemunhos dos irmãos que estiveram com o Senhor (Lc 1).

O que é mais louvável na narrativa de Lucas ao registrar as palavras de Jesus é que ele segue perfeitamente o que o Senhor Jesus disse ao dirigir-se ao Pão e ao Vinho: “Isto é o meu corpo, Isto é o cálice do novo testamento no meu sangue”. Jesus é enfático quando diz: “Isto é”. É claro que Jesus não toma partido de nenhuma escola teológica eucarística, porque não era cabível de se teologizar sobre as palavras ditas na última Ceia, por ocasião da instituição da Ceia do Senhor ou da Eucaristia. Jesus, como Deus encarnado e revelado, Senhor do Mundo e Administrador dos Bens Espirituais, usa de sua autoridade e diz: “Isto é o meu corpo ou Isto é o cálice do novo testamento no meu sangue”.

O RELATO DE PAULO

A igreja ocidental não pode negar a incalculável contribuição do apóstolo Paulo para com a produção do Novo Testamento, ficando, inclusive, não apenas a igreja, mas em especial os teólogos as cartas de sua autoria, as quais, sem elas, talvez, teríamos muito pouco de conteúdos cristológicos, que fizeram do cristianismo uma religião teologicamente consistente e poderoso. Por fim, temos a seguir o relato de Paulo sobre a Ceia do Senhor:

23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; 24 E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. 25 Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. 26 Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. 27 Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. 28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. 29 Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria

condenação, não discernindo o corpo do Senhor. 30 Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. 31 Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. 32 Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo. 33 Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. 34 Mas, se algum tiver fome, coma em casa, para que não vos ajunteis para condenação. Quanto às demais coisas, ordená-las-ei quando for. (1 Coríntios 11:23- 34).

Assim sendo, a leitura paulina, que é dedicada à Ceia do Senhor, passa a ser uma prática nas reuniões eucarísticas pentecostais.

Estas palavras do apóstolo Paulo: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei”, por si só já é suficiente para entendermos o quanto o apóstolo dos gentios vivia na dependência do Espírito Santo. Paulo não teve a oportunidade ou a graça de ter participado da última páscoa com os discípulos de Jesus, quando, na ocasião, foi instituída a Ceia do Senhor como memorial da Igreja até a sua Segunda Vinda. Verdadeiramente, Paulo sempre foi guiado pelo Espírito Santo, pois nas leituras que fazemos de suas cartas, podemos perceber que a despeito de não ter conhecido Jesus segundo a carne, ele o conheceu segundo as revelações que lhe foram confiadas. Não podemos esquecer que Paulo, além de ser um exímio conhecedor das Escrituras Hebraicas, possuía também uma profunda revelação do evangelho da graça de Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo não nos oferece uma forma litúrgica e, muito menos, um esquema de como a Igreja devia proceder nessa área tão singular do cristianismo. Pelo contrário, o que mais aprendemos com Paulo é categoricamente sobre os sentidos de suas palavras quando enfatiza que “avia recebido do Senhor”. Isto posto, se ele “recebeu do Senhor” tais revelações ou até, quem sabe, obteve algumas instruções dos apóstolos que andaram com Jesus, não sabemos, mas de uma coisa não devemos nos privar: que ele foi instruído pelo Espírito Santo, apesar de ser considerado como um dos principais hermeneutas do evangelho de Jesus Cristo. Mais importante que tentar encontrar em Paulo um sistema litúrgico é saber ler suas palavras como palavras reveladas.

CINCO VISÕES SOBRE A CEIA DO SENHOR

Todos os estudiosos da história do cristianismo sabem muito bem que desde os primórdios da igreja o problema da Ceia do Senhor, ou seja, saber qual é o real significado das palavras de Jesus Cristo, inevitavelmente, tem sido um dos grandes embates teológicos até a atualidade.

Vamos iniciar apresentando um comentário sobre este assunto, que foi feito por um dos mais respeitados estudiosos do cristianismo:

No século IX surgem as primeiras controvérsias sobre se o Corpo de Cristo presente na eucaristia é o mesmo corpo que está no céu, à direita do Pai, ou se o pão somente o representa. Outras comparações semelhantes aconteceram no século XI. Por último, no Quarto Concílio Laterano, em 1215, a transubstanciação foi proclamada doutrina oficial da igreja.⁷

A DOCTRINA DA IGREJA CATÓLICA ROMANA

A Igreja Católica Romana interpreta literalmente as palavras de Cristo, quando Ele diz: ‘Isto é o meu corpo’, ‘Ele não diz: Isto é figura do meu corpo, mas sim, Isto é o meu corpo’ (2 Concílio de Nicéia, Art. 6). Tampouco diz Ele: ‘Nisto, ou como isto é meu corpo’; mas sim absolutamente: ‘Isto é o meu corpo’, que claramente subentende a transubstanciação. Essa Igreja afirma que, mediante a consagração que o sacerdote faz, o pão e o vinho são transformados literalmente no corpo e sangue de Cristo: que esta consagração é uma nova oferta do sacrifício de Cristo, e que ao participar dos elementos, o comungante recebe graça salvadora e santificadora de Deus.⁸

Na tradição católica, a Eucaristia contém de verdade o próprio Cristo e é como a perfeição

7 GONZÁLES, Justo. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 126.

8 THIESEN, Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987, p. 307.

da vida espiritual e o fim de todos os sacramentos. É Jesus Cristo, “verdadeiro Deus e verdadeiro homem”, o “Cristo total e íntegro” que se faz presente no pão e vinho consagrados na Ceia, como atestado pelas suas próprias palavras: ‘Isto é o meu corpo [...] Isto é o meu sangue [...] dado por vós’ (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20). Essa presença se diz real não por exclusão, como se as outras não fossem reais, mas por excelência, porque é além do mais corporal e substancial. O Espírito Santo é quem provoca a transformação das espécies do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo (transubstanciação), com uma presença que é continuada mesmo depois da celebração, razão pela qual se pode ‘honrar esse sacramento com o culto e a adoração devidos ao verdadeiro Deus’.⁹

A DOUTRINA DA IGREJA ORTODOXA

A igreja ortodoxa aceita a Eucaristia como um Sacramento (embora use o termo “Mistério” em vez de “Sacramento”) e também aceita as doutrinas da presença Real e a natureza sacrificial da Eucaristia. No entanto, não tenta explicar como ocorre a mudança, preferindo considerá-la um mistério divino.

Na tradição ortodoxa, a Eucaristia ocupa o lugar central como epiclesis do Espírito Santo, e o ponto culminante da celebração é a synaxis com a prece eucarística. A comunidade, ao proclamar o “amém” após a epiclesis, integra-se ao momento da consagração, que é o aspecto mais evidente e profundo da presença de Cristo na Eucaristia. Essa presença é realizada pela prece eucarística como mudança, conversão, no termo grego *metaballo*. Afirma-se a dimensão sacrificial da Eucaristia, como oferta do Deus da Trindade, pela qual o Pai pelo seu Espírito se dá no seu Filho, oferecido como sacrifício propiciatório – *thusia hilastirios*. Há diferentes ritos litúrgicos na ortodoxia, e a frequência na comunhão não é tão intensa quanto na Igreja católica¹⁰.

9 Concílio de Trento, DH 1636.1641.1639.1642.1652.1643. Também: AQUINO, T. de. *Suma Teológica*, III, q. 73 a 3c.

10 WARE, T. *The Orthodox Church*. United Kingdom: Penguin Books; Middlesex, 1980, p. 246-

A DOCTRINA LUTERANA E A DOCTRINA ANGLICANA

Os Reformados distanciam-se tanto da tradição católica e ortodoxa quanto da tradição luterana na teologia eucarística. Zwínglio combate as ideias de Lutero, afirmando a impossibilidade de se conceber a presença do corpo de Cristo na Ceia, o que levou ao rompimento de ambos, em 1528. No luteranismo, existe uma união sacramental do pão e do vinho com o corpo e o sangue de Cristo. Em outras palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes “em, com e sob” as formas de pão e vinho. Isso às vezes é conhecido como Consubstanciação (embora o próprio Lutero não tenha usado esse termo). O luteranismo rejeita a visão da Eucaristia como “tonando presente” o sacrifício de Cristo na Cruz.

Para Zwínglio, a Ceia é um ato de comemoração e representação simbólica do sacrifício único e suficiente de Cristo. A razão é que Deus não faz depender sua graça de coisas como água ou pão, pois concede seu Espírito soberano quando e onde lhe aprouver.¹¹ Calvino aproxima-se mais de Lutero que de Zwínglio, considerando a Ceia mais que uma cerimônia de comemoração do sacrifício de Cristo: “é um evento de comunhão com Ele, pois na Ceia ocorre o contato, mediante o Espírito Santo, com o corpo e o sangue de Cristo”¹². Em 1549, as discussões entre Calvino e os seguidores de Zwínglio concluíram que a Ceia é mais que mero ato de comemoração ou de profissão de fé, o que permitiu estabelecer o Consensus Tigurinus, que uniu a Suíça reformada. A Confissão Escocesa (1562) afirma que na Ceia “o Espírito Santo nos habilita a alimentar-nos do corpo e do sangue de Jesus Cristo [...] o pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo e o cálice que abençoamos é a comunhão do seu sangue”.¹³

290.

11 STROHL, H. O Pensamento da Reforma. São Paulo: ASTE, 1962, p. 226.

12 CALVINO, J., Instituição da Religião Cristã. Vol. IV, p. 10-29 In: STROHL, H. O Pensamento da Reforma. São Paulo: ASTE, 1962, p. 224-231.

13 A confissão Escocesa, n. 3.21. As doutrinas reformadas aqui citadas são da Assembléia Geral

A DOCTRINA REFORMADA CALVINISTA

É indispensável o estudo do pensamento teológico reformado nos Seminários Teológicos. Assim sendo, temos aqui uma citação bibliográfica de suma importância sobre a visão teológica da eucaristia na tradição reformada:

Segundo Hodge, a opinião reformada é um meio termo entre a opinião de Zuinglio e a opinião original de Calvino. A. A. Hodge, Op. Cit., pág. 640. Zuinglio afirma que o ‘pão e o vinho eram meios memoriais do corpo de Cristo que havia se ausentado para o céu. Sua opinião prevaleceu no começo entre as igrejas reformadas’. Fisher, History of the Christian Church, pág. 309. Mas alguns anos mais tarde, ele colocou a presença de Cristo na Ceia e a transformou mais em um penhor de seu amor. Ibid, pág. 306. Em 1529, Zuinglio e Lutero se encontraram em Marburg para discutir problemas de cooperação. Mas não conseguiram chegar a um acordo quanto à Ceia do Senhor. Diz Calvino: ‘Continuo a afirmar que a carne de Cristo é comida por cremos, pois é tornada nossa pela fé, e o comer e o efeito é fruto da fé’. Op. Cit. II pág. 560.¹⁴

A concepção de Calvino concernente aos sacramentos pode ser lida nas seguintes palavras: É um sinal exterior pelo qual o Senhor representa para nós e nos testifica a Sua boa vontade para conosco, para sustentar, confirmar e fortalecer a nossa fraca fé. [...] Não há sacramento sem promessa de salvação. Nunca. Todos os homens juntos não saberiam nem poderiam garantir coisa alguma quanto à nossa salvação.

A DOCTRINA PENTECOSTAL

da Igreja Presbiteriana Unida – USA, O Livro de Confissões. Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969.

14 THIESEN. Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987, p. 309.

O serviço de Ceia do senhor é o ponto central da adoração pentecostal.

A teologia comum que segue o entendimento zwingliano, na forma como a comunhão, é considerada uma visão memorial. Na verdade, os pentecostais assembleianos não acreditam na transubstanciação, como o católico romano, e na transubstanciação, como os luteranos.

É interessante saber que na Assembleia de Deus, especificamente, a referência aos elementos como a Ceia do Senhor ou a Comunhão podem ser vistos na fé de uma pessoa. Também deve-se entender que a comunhão é considerada um mistério e que é uma experiência de graça.

A Ceia do Senhor, consistindo dos elementos – pão e o fruto da videira – é o símbolo que expressa nossa participação na natureza divina de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pedro 1.4), um memorial de Seu sofrimento e morte (1 Coríntios 11.26), e uma profecia de Sua segunda vinda (1 Coríntios 11.26), e é ordenada a todos os crentes “até que Ele venha”!

A Assembleia de Deus, por ser uma igreja pentecostal, ela também é eucarística, porque herdou da reformada Protestante do século XVI, a doutrina das duas ordenanças de Cristo: o batismo nas águas por imersão e a Ceia do Senhor (chamada também de Eucaristia pela tradição do cristianismo). Seguindo essa linha de raciocínio, registramos:

CREMOS, professamos e ensinamos que a Ceia do Senhor é o rito da comunhão e ilustra a continuação da vida espiritual. Tal ordenança foi instituída diretamente pelo Senhor Jesus após a refeição da Páscoa na companhia de seus discípulos: ‘Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice e dando graças, deu-lhes, dizendo: Bebei dele todos. Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados’ (Mt 26.26-28). Desde então, a Igreja vem celebrando esse memorial e proclamando a Nova Aliança. Esse ‘Novo Concerto’ é cumprimento das promessas divinas desde o Antigo Testamento, sendo o próprio Jesus ‘o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’ (Jo 1.29) e a nossa Páscoa: ‘Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós’ (1 Co 5.7). Os elementos da Ceia do Senhor. As palavras de Jesus: ‘Isto é o meu corpo’ (Mt 26.26) e ‘isto é o meu sangue’ (Mt 26.28), mostram os dois elementos da Ceia do Senhor. Tendo Jesus ministrado pessoalmente os dois elementos aos seus discípulos, fica cabalmente demonstrado que as expressões ‘Isto é o meu corpo’ e ‘Isto é

o meu sangue' não são literais, mas referem-se a uma linguagem metafórica.¹⁵

“CREMOS, professamos e ensinamos que a Ceia do Senhor é o rito da comunhão e ilustra a continuação da vida espiritual”. Dizer que a Ceia do Senhor “é o rito da comunhão” ou “ilustra a continuação da vida espiritual”, isso só é possível por obra do Espírito Santo, quando no momento em que o pastor, no culto de Ceia do Senhor, faz suas as palavras de Jesus, fica evidente teológica e espiritualmente que Jesus se faz presente, manifestando sua graça não nos elementos chamados pão e vinho, mas permitindo que cada irmão presente participe do “rito da comunhão” que “ilustra a continuação da vida espiritual”, pela operacionalidade do Espírito Santo que é audível pela oração consagratória. É a oração consagratória que faz com que as palavras de Jesus se tornam as palavras proferidas pelo ministrante, de modo que o rito e a ilustração passam a ser inevitavelmente o cenário da comunhão e da continuação da vida espiritual.

A PERSPECTIVA CONFSSIONAL

As palavras de Cristo devem ser as palavras da Igreja. Se a Igreja não confessa as palavras de Cristo, conseqüentemente, suas palavras não terão nenhum efeito imediato. É nas palavras de Cristo que a Igreja formula sua confissão, mas não uma confissão distante de Cruz, e sim uma confissão na presença da cruz, e essa experiência confessional é a que nos fará recapitularmos as palavras de Cristo como consciência teológica de seu sacrifício. Diz a palavra de Deus:

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada serve; as palavras que eu vos disse são espírito e vida” (Jo 6.63).

A igreja tem muito a aprender com as palavras de Jesus, pois, ao participar com seus discí-

15 Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 131-132.

pulos da última ceia, quando, na ocasião, foi instituída a Ceia do Senhor, o que podemos chamar de eucaristia, segundo a tradição cristã. Por fim, no momento em que Jesus institui a eucaristia, temos o seu corpo separado das palavras referentes ao pão e ao cálice, sugerindo que, naquele exato momento com seus discípulos, antes de ser levado para a cruz do calvário, foi lhes revelado o mistério pascal.

Será que as palavras de Jesus ditas na última ceia têm algum valor ou poder de transferência todas as vezes que o rito da Ceia do Senhor é oficializado nas igrejas locais? Até que ponto podemos pensar na possibilidade de uma presença real ou espiritual de Jesus na eucaristia? Convido-o a caminhar comigo, propondo-lhe três vias teológicas:

A EXPLICAÇÃO DO CRISTO: SUJEITO-OBJETO DA EUCARISTIA

No cenário da instituição da Ceia do Senhor podemos destacar Cristo e as imagens que ele próprio expõe como indicações simbólicas do seu corpo e sangue. Cristo é o sujeito eucarístico, enquanto o pão e o cálice são, por assim dizer, o objeto eucarístico. A diferença entre o sujeito e o objeto é que, sendo o sujeito o próprio Cristo que pronuncia as palavras consagratórias e o pão e o cálice o objeto eucarístico que o representa ao dizer as palavras sobre si mesmo, concluindo, assim, o significado relacional de ambos.

Da mesma forma, esse rito se processa na celebração da Ceia do Senhor, quando o pastor ou ministro de Deus dirigia-se aos elementos da eucaristia, fazendo suas as palavras de Cristo, confiante de que suas palavras dirigidas a Deus, automaticamente, conectam-se com as palavras de Cristo.

Ademais, a partir do momento em que as palavras de Cristo são repetidas no rito da eucaristia, acontece o milagre da transferência do sujeito-Cristo e do objeto-pão e cálice para o sujeito-ministro e objeto-ceia do Senhor, presentemente no rito de consagração. Isto não quer dizer que as palavras de Cristo têm o poder de transformar os elementos da Ceia do Senhor no corpo e sangue de Cristo automaticamente. Não. O que se procede é a tomada de posse das palavras de Cristo pronun-

ciadas pelo ministro, fazendo com que Cristo e o sentido eucarístico se tornem presentes, ou seja, o rito eucarístico da mesma forma aproxima a celebração da Ceia do Senhor à verdade histórica do sacrifício de Cristo na cruz.

O que há é um memorial contínuo que ressignifica as palavras de Cristo nas palavras do ministro do culto eucarístico. Nisto não há nenhum mérito sobrenatural ou transformacional do pão e do cálice, como se fossem milagrosamente mudados pela onipotência das palavras de Cristo ditas pelo ministro de Deus. A teoria sujeito-objeto da eucaristia quer simplesmente dramatizar teológica e espiritualmente a historicidade da cruz na experiência eucarística da igreja.

A Ceia do Senhor também não pode ser celebrada, liturgicamente, como uma espécie de ritual desprovido de espiritualidade cristológica, inviabilizando qualquer conotação teológica de significado soteriológico contínuo e permanente para os crentes em Cristo. O ministro de Deus, ao recapitular as palavras de Cristo no rito da Ceia do Senhor, confere, por sua vez, à celebração eucarística, a graça de repetir o primeiro ato de Cristo quando da ocasião da sua instituição.

Assim sendo, fica evidente que o Sujeito-Cristo, neste caso, passa a ser o sujeito- ministro, representante de Cristo, e o Objeto-Pão e Cálice, obviamente, passa a ser considerado como dignificado pelos elementos que o substitui no desdobramento da oficialização da celebração. O mais importante disso tudo é saber que a recapitulação das palavras de Cristo na realização de cada cerimônia da Ceia do Senhor tem o mesmo valor espiritual associado ao sacrifício de Cristo.

A EXPLICAÇÃO DOS TRÊS SENTIDOS EUCARÍSTICOS

Texto paulino: “e tendo dado graças, o partiu e disse: tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós. Fazei isto em memória de mim” (1 Co 11.24).

Comentário de Bíblia de estudo:

[...] em memória de mim é um apelo para manter o propósito e a vitória de sua

cruz em foco. Não é uma exigência para morbidamente redecetar o Calvário, mas para celebrar sensivelmente o triunfo cristão aqui.¹⁶

O sentido imperativo

Vamos interpretar o tempo do verbo “fazei” imperativamente. A melhor forma de começar a discutir sobre o sentido imperativo é pela palavra “fazei isto” e sua relação com a continuidade da Ceia do Senhor na história da Igreja; essa questão se encontra no centro deste imperativo que é, segundo o apóstolo Paulo, “glossa” ou dito de Jesus Cristo, e que lança um olhar sobre o significado teológico da cruz para a celebração da Ceia do Senhor.

A existência eucarística da igreja se fundamenta no “fazei isto”, porque é somente pelo princípio categórico do imperativo de Cristo que a igreja pode celebrar a morte do Senhor até que ele se manifeste em glória. O imperativo é, antes de tudo, o que mais a igreja deve seguir como norma teológica de sua eclesiologia. A igreja não pode e nem deve esquivar-se de repetir o primeiro ato de Cristo na última ceia quando instituiu a eucaristia, isto é, quando o Senhor Jesus Cristo ordenou à sua igreja a obrigatoriedade de preservar a historicidade da cruz pela prática eucarística.

O sentido memorial

Fazei isto [...] “em memória de mim”. O termo grego “em memória” é anamnesis. “ANA” = trazer de novo e MNESIS = memória – “trazer de novo à memória”.

“Tragam de novo à memória”, é o que disse Jesus; e de novo [...] de novo [...] de novo [...] “todas as vezes que o fizerdes”.

A palavra hebraica, no Antigo Testamento, para Memorial, é zikkaron, e um zikkaron ser-

16 Bíblia de Estudo Plenitude. p. 1300.

viria para o povo de Israel lembrar-se dos atos de Deus para com ele no passado, mas não uma lembrança qualquer, um mero “pensar”, e sim um sentimento de participação com as gerações passadas através dos atos históricos de Deus. Na Ceia, não estamos simplesmente pensando que um dia Jesus morreu por nós, mas estamos também nos colocando lá, juntamente com ele, na cruz – “todos que fomos batizados (mergulhados) em Cristo Jesus fomos batizados (mergulhados) em sua morte [...] fomos, pois, sepultados juntamente com ele na sua morte [...]” (Romanos 6).

Então, estamos aqui hoje para “trazer de novo à memória”, porém, nos colocando lá também, juntamente com Cristo. O Senhor morreu por nós e nós morremos juntamente com Ele e também juntamente com Ele ressuscitamos para uma novidade de vida. Então vamos recordar algumas coisas que aprendemos nas Escrituras:

Paulo fez notória as palavras de Cristo: “Fazei isto em memória de mim” (1 Co 11.24). A memória da cruz é a mais poderosa memória teológica que a igreja precisa valorizar e seguir até o fim de sua história, cabendo-lhe observar todas as recomendações do evangelho acerca da celebração da Ceia do Senhor, ou da Eucaristia, preservando, claramente, a consciência missiológica da igreja. Assim como a Páscoa judaica representa a saída ou libertação do povo de Israel do Egito, da mesma maneira, a celebração da Eucaristia representa a libertação de todos os que confessam a Jesus Cristo como o Novo Moisés.

A Eucaristia ou Ceia do Senhor como “memória de Cristo” significa uma existência entre a Cruz e a Igreja, ou seja, entre o que de fato aconteceu em relação à expiação pelos nossos pecados e a proclamação da igreja nesse sentido. A igreja não é uma realidade distinta da cruz: ela existe na existência da cruz.

Na história da igreja, não se trata de uma “memória fictícia” sobre o que aconteceu na cruz do calvário. Pois, ainda que muitos cristãos não valorizem a Ceia do Senhor, a igreja eucarística, ela mesma - e com isso também a sua identidade cristológica – permanecerá na memória da cruz até o fim dos tempos.

O sentido cristológico

Na Última Ceia, Jesus foi muito claro: “Isto é o meu corpo”. “Isto é o meu sangue” (Mt 26,26-28). Ele não falou de símbolo, de sinal, nem de figura. Paulo atesta a presença do Senhor na Eucaristia quando afirma: “O cálice de bênção, que bebemos, não é a comunhão do Sangue de Cristo? E o pão que partimos, não é a comunhão do Corpo de Cristo?” (1Co 10.16).

Em que sentido Cristo se faz presente na Eucaristia? É obvio que o corpo de Cristo ressuscitado já não se encontra mais entre nós, visto que, diante das testemunhas indicadas pelo apóstolo Paulo (1 Co 15), Cristo, hoje, está na presença do Pai, o que não permite dizer que no rito eucarístico Cristo se faz presente. A presença real ou espiritual de Cristo na Eucaristia é apenas hipótese teológica formulada por teólogos durante a história da igreja. O mais viável é argumentar a favor de uma ideia pneumatológica, isto é, conceber a razão de pensar na possibilidade de o Espírito Santo atualizar o sentido cristológico da Eucaristia, o qual reporta a morte expiatória de Cristo por todos os pecadores arrependidos.

Jesus disse: “Isto é o meu corpo” e “Isto é o meu sangue”. Dizer que o pão é o corpo de Jesus e que o cálice é o sangue de Jesus não invalida as palavras de Jesus e nem as palavras de quem ministra a Ceia do Senhor, desde que, teologicamente, o ministro da Ceia do Senhor não invalide as palavras de Jesus na última ceia. Neste aspecto, prossigo. O sentido

cristológico é o sentido eclesiológico e até mesmo litúrgico da recapitulação, do imperativo e da memorização das palavras originais de Jesus Cristo no ato institucional da Eucaristia. Somente as palavras de Jesus podem ser novamente ditas na Ceia do Senhor.

O sentido cristológico é o único sentido capaz de viabilizar o sentido eclesiológico, afastando de vez toda e qualquer insinuação de desmerecimento histórico da cruz ou espiritual da atualização

das palavras de Jesus no rito eucarístico. Para efeito de tese, fica convencido de que o caminho mais viável para a hermenêutica eucarística é aceitar a fé de uma presença histórico-psicológica do corpo e sangue de Cristo na Eucaristia, mas não, literalmente, de uma presença real, e sim, de uma presença espiritual e responsável de cada crente, individualmente. Afinal, a Eucaristia é teologicamente a presença da Cruz, a fé histórica da Cruz, que foi manifestada no rito eucarístico da celebração da Ceia do Senhor, atualizada pelo poder do Espírito Santo, aquele Espírito que nunca abandona a Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi apresentar o significado do termo eucaristia na tradição cristã, bem como descrever resumidamente as principais interpretações teológicas desenvolvidas. Eucaristia é, biblicamente, uma das riquezas espirituais do cristianismo, por mais complexa que ela seja para teólogos e cristãos comuns.

Especificamente, porém, este trabalho teve por objetivo apresentar, além das abordagens já conhecidas pelos estudiosos do cristianismo, uma proposta teológica diferenciada em uma perspectiva confessional.

Para cumprir essa tarefa, não foi necessário invalidar as mais diversas linhas de interpretação eucarísticas, mas tão somente propor uma nova percepção hermenêutica que pudesse contribuir, humildemente, com algumas reflexões teológicas.

REFERÊNCIAS

BETTERSON, H. Documentos da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE, 2001.

CALVINO, J., Instituição da Religião Cristã. Vol. IV, p. 10-29 In: STROHL, H. O Pensamento da

Reforma. São Paulo: ASTE, 1962.

CARSON, D. A. O Comentário de João. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CHAMPLIN. R. N.; BENTES, J. M. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1991.

Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

FRENCH, L. (Org.). Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento. Vol.1, Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GONZÁLES, Justo. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.

GUNDRY, Stanley. Teologia Contemporânea. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

JONG, J. P. L'éucharistie come réalité symbolique. Paris, 1972.

LLOYD-JONE, Martyn. A igreja e as últimas coisas. São Paulo: PES, 1998.

MAZZA, Enrico. O Novo Testamento e a Ceia do Senhor. Lisboa, Portugal: Airpol, 2017.

MAZZA, Eurico. Novo Testamento e a Ceia do Senhor. Lisboa: Artipol, 2018.

ROMANO Clemente; ANTIOQUIA, Inácio de; ESMIRNA, Policarpo de et. al. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 2014.

STROHL, H. O Pensamento da Reforma. São Paulo: ASTE, 1962.

TAMAYO, Juan Jose; FLORISTAN, Casiano. Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999.

THIESEN, Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.

VINCENT, Marvin R. Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento. Vol. II, Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

VINE, W.E; UNGER, Merrill. F. Dicionário Vine. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

WARE, T. The Orthodox Church. United Kingdom: Penguin Books; Middlesex, 1980.